

41º Encontro Anual da ANPOCS  
GT34 - Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua

**A rua nos seus vários sentidos:  
Redes, fronteiras e estilos de urbanidade de um microterritório**

Graça Índias Cordeiro

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa  
[graca.cordeiro@iscte-iul.pt](mailto:graca.cordeiro@iscte-iul.pt)

Caxambu, 23 outubro 2017

Financiamento



Convénio FCT/CAPES 2016/2017

Projeto Cidades em mudança: processos participativos em Portugal e no Brasil  
Coordenação: Graça Índias Cordeiro (ISCTE-IUL) e Renata Sá Gonçalves (UFF)  
Com o apoio da *FLAD-Luso-American Development Foundation*

41º Encontro Anual da ANPOCS, 23-27 outubro, Caxambu, Brasil  
Proposta GT34 - Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua  
Coordenação: Heitor Frúgoli Junior (USP) e Cristina Patriota de Moura (UnB)

## **A rua nos seus vários sentidos: redes, fronteiras e estilos de urbanidade de um microterritório**

Graça Índias Cordeiro  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, CIES-IUL  
[graca.cordeiro@iscte-iul.pt](mailto:graca.cordeiro@iscte-iul.pt)

### **Resumo**

Com base em um estudo etnográfico e histórico ainda em andamento, esta comunicação debruça-se sobre um facto paradoxal que faz com que uma rua periférica e marginal na escala da cidade a que pertence seja, simultaneamente, um lugar central e de grande visibilidade na escala de uma metrópole com a qual se conecta através de afinidades nacionais e culturais que fazem dela um nó de redes de relações e interações individuais, familiares e institucionais. Um dos objetivos desta comunicação é analisar o processo através do qual uma parte de Cambridge Street (Cambridge, Massachusetts, USA) se tem tornado, ao longo do tempo, num *locus* privilegiado para a negociação de significados e de etnicidades em torno do *label* «Portuguese», e como a afirmação política desta ‘marca’ se sustenta em formas diferenciadas de usos e apropriações de um microterritório que incorpora estilos de ‘urbanidade’ contrastantes. O fragmento de rua analisado revela não apenas a diversidade da experiência urbana como também as representações territoriais dos contrastes étnicos/nacionais e ajudam a compreender as inúmeras fronteiras dos espaços urbanos e seus significados.

**Palavras-chave:** urbano/paroquial; Cambridge, MA; esquina; *Portuguese*; etnografia urbana

## Introdução

Em 2009 visitei, pela primeira vez, Cambridge Street, uma rua que atravessa a pequena cidade de Cambridge vizinha da cidade de Boston. O meu interesse por esta rua surgiu de uma pesquisa que então iniciei (ainda em curso) sobre o processo de afirmação política da categoria *Portuguese-Speakern* Estado Massachusetts, estado da costa leste dos EUA onde se regista uma elevada densidade de falantes do português, tanto enquanto língua materna como enquanto língua de herança (native or heritage) – consequência da migração de longa duração de populações provenientes de Portugal (sobretudo Açores), Cabo Verde e, mais recentemente, Brasil.

Esta rua, relativamente longa é, antes do mais, uma rua de circulação (uma avenida) onde corre o *busda Route 69* que liga Harvard Square ao início da *Green Line* do metro de Boston (Lechmere), ligando as duas cidades. Para além desta ligação, a rua é também conhecida pela sua parte ‘portuguesa’ que atravessa East Cambridge<sup>1</sup>. Esta marca étnica é bem visível nas montras e letreiros dos estabelecimentos comerciais e associações que se sucedem ao longo de alguns poucos quarteirões (quadras), com destaque para os restaurantes e bares (Morgenroth, 2001), para a igreja recuada em relação à estrada, semi escondida por trás de um pequeno jardim, para a biblioteca dedicada à herança portuguesa, para várias associações, agências de viagens e de seguros... Após alguns quarteirões, a presença portuguesa vai-se desvanecendo aos poucos dando lugar a uma zona residencial abastada e, finalmente, ao campus da Universidade de Harvard.

Uma das singularidades de Cambridge Street, unidade espacial composta por várias unidades sócio-culturais distintas ou vários territórios, é o contraste entre a visibilidade pública dos seus extremos: por um lado, a permanente intensidade da vida urbana pública de Harvard Square super-centrale, no extremo oposto, a discricção absoluta de um microantigo bairro ‘operário’ (working class neighborhood) atravessado por esta rua e que hoje parece semi decadente, semi-gentrificado, onde ainda perduram resquícios de uma presença portuguesa intercalada com uma presença brasileira, sobretudo visível nos múltiplos *salões de beleza* e cabeleireiros. Enquanto Harvard Square é um micro-

---

<sup>1</sup>A parte portuguesa de Cambridge é referida simplesmente como *East Cambridge* embora se estenda por dois outros ‘bairros’ tal como são definidos no mapa: Wellington Area e Area IV (ver slide 1, bairros 1, 3 e 4).

território onde se concentra todo o imaginário mais pujante de urbanidade desta cidade multicultural, universitária, intensamente intelectual e cosmopolita, o território de East Cambridge parece situar-se nos seus antípodas por ser um lugar sem um nome claro que o ligue à etnicidade portuguesa<sup>2</sup> cuja patine é tão ténue que só quem conhece lá vai ver o que resta das memórias desta imigração europeia... Além do mais, a renovação urbana (urban renewal) protagonizada ao longo dos últimos anos pelo MIT tem feito com que a permanência desta memória étnica seja ainda mais incerta.

Numa primeira abordagem superficial, Harvard Square destaca-se pela supercentralidade do seu espaço público, tanto ao nível da pequena escala da cidade a que pertence como ao nível internacional de uma escala mais global, enquanto que a parte portuguesa desta rua parece caracterizar-se por ser um tipo de espaço menos público e mais paroquial/privado, *characterized by a sense of commonality among acquaintances and neighbors who are involved in interpersonal networks that are located within 'communities'* enclausurado na vida de bairro étnico ou da memória que deles resta – usando a designação sugerida por Lyn Lofland no seu livro *The Public Realm* (1998).

Mas...as aparências iludem. O que um contacto mais continuado com esta realidade me permitiu descobrir foi que a esquina que fica junto à fronteira de East Cambridge e Wellington-Harrington Area (slide 2), no cruzamento entre Cambridge Street e da Cardinal Medeiros Avenue, é um ponto central de reunião da comunidade *Portuguese-American*. Mais visível no Verão por ocasião de festas e celebrações, este local constitui um autêntico nó de uma rede para onde convergem não apenas indivíduos e suas famílias, como também representações de associações, bandas, escolas, que chegam de pequenas e grandes cidades dispersas por todo o Massachusetts e Rhode Island, onde a minoria étnica portuguesa predomina, sendo igualmente o local preferido pelo consulado de Boston (incluindo o Instituto Camões) para, anualmente, participar na celebração da 'nacionalidade' portuguesa desta região americana através do Boston Portuguese Festival<sup>3</sup>, associando-se a algumas destas celebrações – como sejam a procissão de Santo António (!) e a *Portuguese Parade*.

É sobre esta parte-de-rua que eu me vou deter, buscando o seu lado mais invisível e, contudo, determinante da sua urbanidade particular. Pequena rua esta que, apesar

---

<sup>2</sup>Nem Little Portugal, nem bairro português, como em outras cidades americanas...

<sup>3</sup>Reforçado pelo *Boston Portuguese Festival* que, desde 2007, é organizado pelo Consulado Geral de Portugal de Boston. <http://www.bostonportuguese festival.org/>

de passar despercebida e ser marginal à intensa vida citadina e urbana da cidade Cambridge polarizada em torno de Harvard Square, '*public realm par excellence*', é o lugar de eleição que polariza várias comunidades de origem portuguesa e brasileira que se espalham por uma ampla região metropolitana em torno de Boston, ponto central que condensa em si, não apenas um presente de atividades quotidianas e sazonais que congregam vários indivíduos, famílias e instituições de mas também um passado e memórias que lhe moldam o contexto e forma.

### **Os vários sentidos de uma rua**

A designação única de Cambridge Street é enganadora, pois esta rua desdobra-se em várias dimensões – espaciais, funcionais, simbólicas, experienciais, umas mais objetiváveis, outras menos. A sua abordagem obriga a destacar algumas delas e, sobretudo, encontrar as relações que fazem tais vertentes interagir entre si.

Numa primeira abordagem, trata-se de uma rua de passagem, que liga a parte mais central de Cambridge, *Harvard Square*, ao início da linha verde do *T*, como é conhecido o metropolitano de Boston. A intervalos de cerca de 20-25 minutos, sujeitos, por vezes, a grande atrasos, circula o velho autocarro (ómnibus) da *route 69*, mais lento do que o desejável. Não se pode dizer que esta seja a forma mais rápida para chegar de Boston ao centro de Cambridge: tanto os velhos *Streetcars* da linha verde como este velho autocarro parecem adequar-se ao sossego desta parte leste da cidade. Neste sentido, esta ligação a Boston não compete realmente com a *Red Line* deste mesmo *T*, cujas carruagens mais modernas ligam de forma bem mais rápida Cambridge e Somerville ao centro de Boston, atravessando uma das mais deslumbrantes paisagens que o *Charles River* oferece em qualquer hora do dia, em qualquer estação do ano, embora a maior parte da linha seja subterrânea. É nesta linha que se regista o maior intenso fluxo turístico e académico de visitas a esta pequena cidade, e é esta linha que é a mais escolhida para quem quer chegar rapidamente a Harvard Square.

A entrada por East Cambridge regista, pois, um fluxo bem menor de turistas. Na realidade, parte dos passageiros que circulam neste ómnibus são habitantes locais e seus visitantes, ou pessoas que aqui procuram um produto, um serviço, um encontro, vindos de Boston, e que descem em alguma paragem antes de chegar a Inman Square (slide 3 – route 69).

As referências territoriais mais importantes do pedaço português, considerado por muitos o *Portuguese Hub* de Boston estão aqui. Encontram-se restaurantes portugueses e brasileiros, a Igreja de Santo António, uma biblioteca, cafés, padarias, cabeleireiros (salões), mercearias, supermercados, agências de viagem, seguradoras, associações e clubes maioritariamente açorianos. Nesta mancha discreta de produtos e serviços com ‘sabor’ português – e brasileiro – destacam-se a Igreja de Santo António, a sede da *Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers* (MAPS), organização de apoio social a imigrantes e a ‘branche portuguesa’ da *Cambridge Public Library* onde funciona atualmente a escola portuguesa (comunitária), já mais próxima de Inman Square, onde este sabor português já não se faz sentir.

Inman Square estabelece uma fronteira clara entre dois mundos, marcando a passagem para as proximidades do Campus da Universidade de Harvard. Passando Inman Square deixa-se para trás a rua intensamente comercial, povoada de peões entre lojas e outros estabelecimentos, e entra-se num passeio sem lojas, apenas povoado por casas e mansões de madeira escondidas atrás de frondosos jardins, *three story houses*, as belas moradias cambridgianas de final de século, mansões ao velho estilo de Nova Inglaterra no seu melhor....para terminar no amplo campus da Universidade de Harvard, uma cidade dentro de uma cidade ou, para dizer melhor, uma apropriação de prédios, casas, para departamentos, moradias, bibliotecas, museus. Mais do que apenas uma esquina entre várias ruas, Inman Square é um dos pontos de intensa circulação e sociabilidade artística e universitária, com o *1369 Coffee House*, que ocupou o lugar do *1369 Jazz Club* sempre cheio de académicos e estudantes a trabalhar, o famoso *Ryles Jazz Club* que abre ao final do dia, uma livraria de livros em 2ª mão, o *Druid* irish pub, o emblemático restaurante *S&S* (‘es and es’) bem presente nas memórias de todos habitantes de Cambridge que ali iam em família comer a boa comida caseira *yiddish*...

Contrariamente a Inman Square, referência importante no mapa espacial e simbólico de Cambridge e Boston, a esquina que nos ocupa aqui, é praticamente desconhecida e quase invisível. Do mesmo modo que Inman Square é equidistante dos dois extremos desta rua, separando em duas metades a rua, este *corner* sem nome, onde fica a igreja de Santo António, separa esta metade em dois e polariza, de um certo modo, a vida de ‘sabor’ português de toda a rua e arredores urbanos e metropolitanos.

Nesta esquina de Cambridge Street com a rua que entronca nela, mais ou menos na fronteira entre a zona 1 e 3 (ver slide 1 ) surge o edifício moderno de uma igreja, um

pouco recuado em relação à rua, o que o torna discreto, rodeado de um pequeno jardim arrelvado e com um amplo parque de estacionamento nas traseiras. É a igreja de Santo António (Saint Anthony Church), sede da mais antiga paróquia portuguesa de que há memória no estado do Massachusetts (1902), que ali anuncia a celebração diária de várias missas: em “inglês”, em “português e para a “comunidade brasileira”. É, talvez, a referência territorial mais visível, além de ser a referência simbólica e religiosa mais importante para a comunidade luso-americana e, mais recentemente, também para a comunidade brasileira católica, ao nível local, sobretudo nas duas cidades próximas, Cambridge e Somerville. No entanto, em certos momentos festivos, a sua influência estende-se a toda a região metropolitana de Boston (incluindo não apenas o estado do Massachusetts mas também Rhodes Island).

No passeio próximo da entrada para a igreja, uma placa bem visível assinala o seu nome evocando o nome do clérigo de origem portuguesa que serviu como arcebispo de Boston entre 1970 e 1983, quando faleceu (Humberto Sousa Medeiros, 1915 -1983) - Cardinal Medeiros Avenue. Esta ‘avenida’ é, afinal, apenas uma meia rua que entronca em Cambridge Street, pois a sua continuação em direção ao rio Charles mantém a antiga designação de Portland Street, rua de ligação entre a área do MIT a East Cambridge – e onde se situava a anterior igreja, antes da construção da atual igreja (1982), a menos de 100 metros da atual, facto ainda bem presente na memória de todos os que visitam esta igreja. Enquanto a *avenue* é apenas uma rua secundária na rede viária cambridgiana, com pouco movimento, a segunda, com a designação *street* é o eixo central e uma das colunas vertebrais desta pequena e prestigiada cidade.

Contudo, e apesar da discrição que caracteriza tudo o que é português nos Estados Unidos, a toponímia é, sem dúvida, um dos elementos desta visibilidade, que revela o passado próximo de toda uma área densamente povoada por imigrantes portugueses. Para além da Cardinal Medeiros Av., a Igreja de Santo António surge como um topónimo que reforça a centralidade desta esquina relativamente à comunidade *Portuguese-American* e, mais recentemente, à comunidade brasileira, ambas dispersas por áreas vizinhas (Somerville, Allston-Brighton) ou amplas áreas suburbanas do estado do Massachusetts.

Um quarteirão distante desta igreja fica um dos *branches* da biblioteca de Cambridge (*Cambridge Public Library*) dedicada à herança portuguesa; aqui, não apenas existem fundos bibliográficos em português, como funciona a escola de língua portuguesa, promovem atividades culturais nesta língua, tentando congregar, muitas

vezes, as diferentes nacionalidades (etnicidades) que lhe estão associadas (slide 4). À distância de poucos quarteirões, num prédio de esquina com o nº 1046, encontramos MAPS<sup>4</sup>, organização que presta apoio social, sobretudo na área da saúde, a *Portuguese speakers* e outros imigrantes, da área leste do Massachusetts. Esta associação nasceu da fusão, em 1993, de duas associações luso-americanas fundadas no início dos anos de 1970, uma das quais situada exatamente neste mesmo prédio – a COPA (*Cambridge Organization of Portuguese Americans*).

Em Maio e Junho esta esquina transforma-se num território com uma inesperada visibilidade: festas, procissões, cerimónias cívicas, *parades*, mobilizadoras de vários movimentos e participações alimentam a visibilidade pública tão necessária à afirmação positiva de uma etnicidade, fenómeno característico, não apenas de Cambridge, mas sim das cidades norte-americanas em geral. As festas cíclicas sucedem-se, umas mais parecidas entre si do que outras, como é o caso das Festas de Espírito Santo, Santo Cristo e Santo António, ou as *Festas Juninas* que revolucionam toda a lógica de organização espacial do interior da Igreja de Santo António, inundando as ruas mais próximas de cheiros e decibéis, o churrasquinho, os altifalantes dos concursos, as quadrilhas a desfilar no interior do pátio da igreja...ou, ainda, as procissões que acompanham as festas ou o *Portugal Day Parade*. Uma efervescência festiva, toda uma intensa sociabilidade entre habitantes e visitantes acompanham a preparação e realização destas festividades, sempre polarizada pela Igreja de Santo António. É o seu momento de maior visibilidade pública, fruto das múltiplas apropriações de *squares*, ruas e passeios, através das atividades organizadas por grupos de indivíduos, famílias, igreja, associações, restaurantes, escolas, empresas, que ficam neste perímetro ou perto dele. Cambridge Street e suas ruas adjacentes são apropriadas por todo este movimento que o acompanha, de formas óbvias – como no caso dos desfiles que percorrem estas ruas – ou de formas mais subtis – como durante estas festas confinadas ao amplo pátio da igreja que, contudo, deixa escapar todos estes cheiros, sons e, até, sabores de comidas étnicas.

Residentes nesta área, mas sobretudo ex-residentes e visitantes de toda a área metropolitana de Boston, convergem nestas performances e formas conviviais em torno do encontro, numa demonstração óbvia de que cada vez menos é a residência que

---

<sup>4</sup>Para além da sede, a MAPS tem mais cinco escritórios que operam em áreas de predominância portuguesa, brasileira ou cabo-verdiana, do estado do Massachusetts. <http://www.maps-inc.org/>

alimenta sentimentos comunitários, mas sim a ativação de redes pessoais e familiares em torno da organização de festas e outras performances, de histórias e memórias partilhadas (Blokland, 2017: 161-163) polarizadas por um lugar particular, feito de laços sociais e de sentimentos de pertença, a meio caminho entre o *parochial realm* e o *private realm* (Lofland, ob.cit).

Esta esquina é, realmente, o ponto alto da ‘etnicidade’ portuguesa nesta região, o local de congregação de todas as principais festas, religiosas e laicas, ponto de partida e/ou chegada de procissões, *parades*, local de atuação de bandas filarmónicas, de discursos, de encontro à entrada e saída da missa diária, de reunião do rancho folclórico *Corações Lusíadas*, etc. Deste *corner* vêem-se as janelas amplas do restaurante *Portugália*, do outro lado da rua – e, do seu interior, ponto obrigatório das comensalidades organizadoras de tantos destes eventos, pode observar-se todo o movimento nesta esquina que, nos momentos festivos é muitíssimo intenso e visível para todos os que passam.

### **Redes e fronteiras, acessibilidade e diversidade urbana**

Esta parte de rua, pequeno espaço público discreto surge como uma *regione incognita* na representação da cidade de Cambridge, cujo símbolo de urbanidade máxima se encontra na imagem icónica Harvard Square. Parafraseando Lyn Lofland (1998: xv) “what we know about the public realm is greatly overshadowed by what we do not know”.

Na realidade, nem a sua dimensão pública se destaca, uma rua igual a tantas outras, normalmente com uma circulação de veículos e peões moderada, nem a sua dimensão paroquial ou comunitária, apenas visível em momentos fugazes no dia a dia e adivinhada na efervescência festiva de certos momentos que revelam, como uma explosão, os sinais de uma presença étnica de longa duração.

No entanto, esta pequena parte de rua e suas adjacentes, constitui-se como um verdadeiro lugar, um pequeno espaço intensamente socializado e ‘culturalizado’, revelando uma rede complexa de relações internas polarizadas por este ‘urban corner’. Assim, podemos olhar para esta esquina como o nó de toda uma rede étnica, individual, familiar e institucional, que se situa, não no nível citadino mas sim no nível metropolitano. Por várias razões de ordem histórica e demográfica, é aqui, neste lugar particular, que, ciclicamente, se atualizam as performances étnicas que dão visibilidade a

certas comunidades urbanas (e metropolitanas) através da apropriação ritual do espaço urbano público, evocando os sentimentos comunitários que sobrevivem à dispersão geográfica e à ‘gentrification’ de um território cada vez mais ameaçado.

Tais práticas comunitárias, tanto as mais quotidianas como as festividades cíclicas, revelam certos aspetos e dimensões que vale a pena destacar.

Em primeiro lugar, não há uma separação nítida entre o uso mais público do espaço público e o seu uso mais comunitário e/ou privado. Em vez desta separação, parece haver, sim, um *continuum* entre ambos, tanto ao nível da alternância entre a apropriação sazonal desta esquina, no momento da organização e realização das festividades cíclicas das comunidades *Portuguese-American* e *Brazilian*, que parecem revelar o seu lado francamente comunitário e étnico, e os períodos em que tal não acontece, desaparecendo este lado comunitário; como, também, devido a uma certa simultaneidade de diferentes tipos de relações sociais que, nestas ocasiões se estabelecem entre estas diferentes comunidades. Enquanto que ao nível intra-comunitário, são visíveis as relações de interconhecimento pessoal e de reconhecimento de afinidades culturais, já ao nível das relações entre comunidades, são igualmente perceptíveis silêncios e embaraços que resultam de relações de desconhecimento mútuo, frequentemente assentes num certo preconceito e distanciamento de ambas as partes que não se podem ignorar por partilharem um mesmo espaço, mesmo se em momentos diferentes, para as suas performances festivas e atividades quotidianas. Na realidade, e apesar da língua portuguesa partilhada, estamos em presença de dois tipos de comunidade étnica culturalmente diferentes apesar de espacialmente se congregarem em torno de um mesmo ponto.

Em segundo lugar, vale a pena ressaltar este simples facto, da associação entre comunidades, que contribuiu para uma certa ambiguidade na representação mais pública – a nível da cidade – deste lugar, devido aos estilos de ‘representação de si’ contrastantes entre ambas as comunidades (basta ver os cartazes que anunciam para a rua as festas portuguesas e as festas juninas, slide 5).

Em terceiro lugar, a questão das fronteiras – uma questão em aberto. Estas fronteiras – espaciais, sociais, linguísticas, culturais – parecem contribuir para a construção de uma ideia de ‘comunidade urbana’ vinculada de um modo muito expressivo a uma parte de rua, a um *urban corner*, entre o público e o paroquial, caracterizado por uma atmosfera própria, feita de marcas sensoriais que lhe dão

uma carácter e identidade particulares – *making manifest that totality called place* (cit in Zardini, 2016: 149) merece uma mais detalhada análise. Este lugar parece afirmar-se tanto de uma forma quase privada como igualmente de uma forma caleidoscópica, incorporando o semelhante e o diferente num jogo de comunicação inter-cultural complexo o que o torna, sem margem de dúvida, estruturalmente urbano – no sentido dado por Ulf Hannerz, de uma interação complexa entre acessibilidade e diversidade sócio-cultural.

Finalmente, em um plano mais social, a convergência e articulação entre as múltiplas redes individuais, familiares ou institucionais para este lugar particular, mostra, ainda, claramente, como a expansão e dispersão demográfica, num mundo virtualmente conectado, é, afinal, um dos motores para esta convergência em lugares centrais, que demonstram o papel crucial que as ruas, ou parte delas, como o caso de *urban corner*, desempenham na vida das nossas cidades e na diversidade de estilos de urbanidade que dela fazem parte.

## **Nota final**

*O olhar sobre a rua e a sociabilidade pública urbana é bastante diferente na Europa, tanto ao nível da investigação académica como no âmbito mais vasto da construção intelectual e cultural da cidade* (Sieber, 2008: 47). Não podia concordar mais com esta comparação que Tim Sieber faz entre a Europa e os Estados Unidos da América – sobretudo a Europa do Sul, como ele bem mostra ao longo deste capítulo. Se ligarmos a demonstração que ele faz da rejeição norte-americana da vida de rua como um tema sério de investigação para a compreensão da cultura urbana (ou como janela de observação para essa análise de nível mais geral) com o facto de estes micro-espacos terem sido maioritariamente o terreno preferencial de estudos sócio-antropológicos, etnográficos, particularmente interessados em descobrir o lado mais paroquial e próximo da ‘vida de aldeia’, desfavorecido socialmente e pobre, desconhecido, marginal, transgressor – ou seja, espacos quase exóticos, por contraste com a ‘grande cidade’ produtora do verdadeiro *public realm* que gera urbanidade – podemos encontrar aqui espaco para olhares inovadores sobre a cidade e o urbano. Efetivamente, há toda uma história de uma certa *antropologia urbanada pobreza* (Fox, 1977), corroborada por Lyn Lofland, quando afirma:

*Interestingly enough, most classic ethnographies of city life – older and modern – are studies of the parochial realm. From Whyte to Gans (....)it is the world of neighborhood of friend and kin networks, and acquaintances that has been lovingly documented by urban sociologists and anthropologists (...) And disattention to the public realm is quite reasonable, given the long tenure of the belief that nothing social or nothing socially important occurs there(Lofland, 2008: 22, nota 19).*

A focalização empírica e analítica que procurei fazer neste paper revela, assim, não apenas a minha própria condição de europeia do sul (poderia acrescentar aculturada por um sul mais a sul – o global south?), para quem, ainda nas palavras de Tim Sieber, a rua surge como tópico crucial para a compreensão da vida urbana, mas sobretudo, a vontade de convocar várias perspectivas científicas e modelos analíticos, também eles cultural e nacionalmente moldadas, no estudo de um caso concreto particularmente desafiante para a análise da sociabilidade pública e interação urbana, motores de vida das nossas cidades contemporâneas. *Falar da rua é falar da cidade...* (Vidal & Cordeiro, 2008: 9)

## **Bibliografia**

Blokland, Talja 2017 *Community as Urban Practice*, Cambridge: Polity Press

Fox, Richard (1972), “Rationale and romance in urban anthropology”, *Urban Anthropology*, 1 (2): 205-233

Cordeiro, Graça Índias 2017 «A cidade à escala da rua. Usos e significados do passado na afirmação de ‘tradições’ locais urbanas» in Renato Cymbalista, Sarah Feldman e Beatriz M. Kuhl (orgs.) *Patrimônio cultural: memória e intervenções urbanas*, São Paulo: Anna Blume, pp. 133-153

Cordeiro, Graça Índias & Frédéric Vidal, 2008 «Introdução» in Graça I. Cordeiro & Frédéric Vidal (org.) *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*, Lisboa: Livros Horizonte, pp. 9-15

Lofland, Lyn, 1998, *The Public Realm. Exploring the City's Quintessential Social Territory*, New York: Aldine de Gruyter

Morgenroth, Lynda, 2001, *Boston Neighborhoods. A Food Lovers Walking, Eating and Shopping Guide to Ethnic Enclaves in and around Boston* Guilford, Connecticut: The Globe Pequot Press

Sieber, Tim 2008 «Ruas da cidade e sociabilidade pública: um olhar a partir de Lisboa» in Graça I. Cordeiro & Frédéric Vidal (org.) *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*, Lisboa: Livros Horizonte, pp 47-64

Zardini, Mirko, 2016 “Toward a sensorial urbanism” in Anja Schwanhauser (ed) *Sensing the City. A Companion to Urban Anthropology*, Basel: Birkhauser Verlag GmbH, pp. 141-153